

*Terror contaminante: causas, sintomas e tratamentos em De gados e homens de Ana Paula
Maia em paralelo com Distância de resgate de Samanta Schweblin*

Bruno Ribeiro Pereira¹

Esta análise começou a ser feita em 2020, quando as feridas da pandemia do coronavírus ainda eram recentes. Neste período, palavras como “contágio” e “transmissão” saltavam à vista em todos os lugares. Elas também ganharam novas cores durante as leituras de obras literárias então recém-lançadas nas livrarias argentinas. No caso particular de *De gados e homens* (2015), romance de Ana Paula Maia e de *Distância de resgate* (2014) de Samanta Schweblin, tal “releitura pandêmica” também pode revelar aspectos das obras até então pouco trabalhados.

No caso de Maia, o livro costuma ganhar análises críticas que reflexionam sobre como uma construção progressiva da ausência de limites entre o animal e o humano. Este romance, entretanto, também pode ser tomado como uma narrativa sobre a contaminação, sobre uma camada de ameaça imparável e invisível que avança corrompendo os corpos e mentes de seus personagens. A obra de Schweblin, por sua vez, é capaz de embasar exatamente o mesmo tipo de leituras, por isso aqui ambos romances serão analisados em conjunto. Ambos livros são identificados com o gênero do terror e compartilham diferentes coincidências narrativas para tratar do contágio, como aqui se detalha.

Assim, nos dois livros há *algo* que infecta os personagens e é por isso que tomo as três instâncias básicas do discurso médico para falar das doenças misteriosas que são descritas nos romances. Detenho-me diante das causas, sintomas e tratamento que cada obra dá ao seu mistério e como o desconhecimento da enfermidade é usado para gerar cenários de pavor em ambas obras. A partir de leituras teóricas sobre os mecanismos do terror e conceitos de animalidade, buscamos evidências dessas ameaças irreprimíveis nos textos.

Neste trabalho, tomo como referência as edições das obras na Argentina e elaboro traduções próprias ao português, portanto pode haver diferenças em relação às edições que mais circularam no Brasil. Este artigo foi pensado para fazer uma ponte da obra de Maia com a de outras autoras latino-americanas que têm vivido um *boom* ao produzir obras com temática aterrorizante. Por isso também a ponte com Schweblin, mas não seria difícil usar

¹ Bruno Ribeiro Pereira é mestrando em Literaturas Espanhola e Latino-Americana na Universidade de Buenos Aires (UBA). Graduado em letras espanhol e em jornalismo. <https://orcid.org/0000-0002-7883-3753>

outras obras para expandir este corpus contaminante, como no caso dos contos como “O carrinho”, da argentina Mariana Enríquez, ou “Inti Raymi”, da equatoriana Monica Ojeada.

Transmissão: a propagação invisível do mal

O terror que se constrói nas obras é, em grande medida, uma sugestão. O mal não tem neles uma representação definitiva gráfica, nem mesmo uma descrição, tudo é sugerido pela prosa de Maia e de Schweblin, mas é invisível. Ainda assim, o leitor facilmente percebe o *crescendo* das manifestações sobrenaturais e ameaçadoras nas narrativas, mesmo que não consiga dar-lhes uma materialidade. O mal, como uma partícula microscópica e pandêmica, não é notado por sua presença, mas pelo que ataca. Ambas autoras, portanto, mantêm os sintomas causados pelo mal evidentes na história, mas a causa permanece oculta.

Para Stephen King, este sábio uso da invisibilidade da ameaça, é essencial para a construção do terror. Segundo ele, o terror é melhor construído quando a ameaça revela um medo que nem quem o possuía conhecia. “Se o terror cria uma sensação de estar fora do lugar e ela for repentina e parecer pessoal, se atingir você no fundo do coração, ela permanecerá em sua memória” (p.13). A teoria de King radica também na ideia de que o terror é construído a partir de experiências pessoais e sociais. “Nós fazemos horrores para nos ajudar a administrar os verdadeiros horrores da vida” (p.15). O aspecto fantástico do terror teria, portanto, a função simbólica de dar forma e tornar controlável o terror do cotidiano, no caso, de Schweblin, o envenenamento por agrotóxicos e no de Maia os matadouros.

No entanto, ao representar esse “ponto de pressão fóbico”, como King o definiria, as autoras abraçam um terror invisível e imparável. Elas parecem querer evitar a formação de um símbolo gráfico que tornaria este mal mais definido, portanto contornável. Diante do mal invisível, mostramos mais a nossa impotência. Àquilo que não se conhece, não se encontra o meio de detectar e tampouco de impedir a sua penetração.

Embora a transmissão do mal em *De gados e homens* parece ter origem nas vacas, que se mostram desde o início do livro em comportamentos diferentes dos habituais, chegando até aos protagonistas da história, o contágio não se restringe a seres orgânicos. Há referências na história de que outros matadouros próximos faliram (p.59) ou foram abandonados (p.81). Diz-se também que a água está poluída (p.16, p.28) e que os frutos que caem das árvores estão “cheios de bichos” (p.50). Esta atmosfera corrompida pode ser interpretada como uma epidemia generalizada naquela sociedade, como se a coletividade fosse ela mesma um organismo social adoecido. Tudo neste mundo parece aberto para a contaminação.

Embora o texto de Maia queira sugerir que a origem deste aspecto infernal é sobrenatural, o livro também abre espaço para a interpretação que fazemos de que o que pode estar acometendo a trama é uma patologia. Diz-se mesmo que “a carne pode estar contaminada e a vaca doente” (Maia, 2015, p.34) ou “Devem estar doentes” (p.35), mas o *algo* da contaminação tem menos espaço nos medos dos personagens da narrativa do que a *coisa*, uma materialidade invisível, um predador que poderia dar forma à ameaça.

A escolha de um perigo selvagem como principal representação do mal na obra de Maia faz sentido, pois a trama estabelece em seu seio discussões sobre o que é "humano" e "animal" em nosso sistema social e como esses conceitos se interpenetram facilmente quando se aproximam. Somente no final do livro a ideia de contaminação por *algo* supera a do medo da *coisa*, como fica evidente neste fragmento:

Eles estavam fugindo do predador”, diz Bronco Gil.

– Não houve predador, não insista – Helmuth retruca asperamente.

-Que? Ainda não entendeu, Helmuth? Ainda não percebeu quem é o predador? –

Bronco Gil o encara, os olhos fixos no outro.

Helmuth olha para baixo novamente, para a escuridão ao fundo, e suspira quando sua compreensão se ilumina graças ao silêncio dos outros dois.

Como você vê isso, Edgar? Helmuth pergunta.

–Vejo como um abismo chamando outro abismo. (MAIA, 2015, p.74)

A sugestão de que há uma culpa humana naquele *algo* que passa de uma espécie para outra, como se as vacas estivessem doentes por seu contato com o humano, fica mais evidente algumas páginas depois. “Mas eles são animais. Eles não decidem essas coisas, eles não têm vontade. Uma vaca não pode pensar em suicídio” (p.76), diz Don Milo, ao que Edgar Wilson responde: “Parece-me que se habituaram a nós” (p.76). Uma espécie contamina a outra em *De gados e homens* com o que há de pior: os humanos adotam o ímpeto do instinto e os animais a ideia da autodestruição.

Quem melhor ilumina conceitualmente esta simbiose entre as espécies é Gabriel Giorgi: "os matadouros da cultura são contagiosos, expansivos, difusos, atravessados por linhas de fuga: o matadouro é sempre instância de deslocamento, de contaminação, de incontinência" (2011, p.4). Mais do que um foco, o matadouro parece ser uma fonte de corrupção humana, onde a selvageria é demais para conter apenas ruminantes, o que gera contágio. Como define Giorgi: “uma matéria incorpórea, que (...) ou distribuir sob a lógica e política da espécie, que não pode ser contida numa distribuição inequívoca entre 'humano' e 'animal'” (p.12).

Schweblin, em *Distância de Resgate*, parece incluir o "vegetal" neste ciclo de inter-contaminações. Ao descrever um envenenamento que infecta água, solo, soja, cavalos, crianças... Tudo está contagiado pelo mal invisível, pela doença tóxica que circula. As plantas estão também nas escalas de valoração do biopoder a que se refere Giorgi, com vidas sendo avaliadas com pesos diferentes. O mal, porém, circula por todos. Para teóricos como Guilherme Radomsky, a agricultura como a praticamos, que é o centro da obra da autora argentina, é a manifestação diária terror das plantas. Perdendo-se a forma de vida vegetal, para ele “dissolve-se também o saber a ela associado e caminha-se, num passo, à homogeneização da agricultura e à padronização do social assim administrado. Portanto, o problema vincula a diminuição da diversidade da vida vegetal ao afunilamento dos conhecimentos sobre o mundo” (p.558). A onipresença do contágio em *Distância de resgate* é uma manifestação de como a toxicidade afinou a fronteira que divide sociedade e natureza e decidiu eliminar tudo que vive: sem distinções.

Assim, os sintomas que sofrem humanos, animais, plantas e edifícios, todos se mesclam e se confundem, como se o objetivo daquilo que é transmitido entre eles, sem respeitar fronteiras de espécie, fosse eliminar tudo que não está em seus domínios. Essa confusão de sinais semelhantes em diferentes corpos será melhor exemplificada em nossa análise dos sintomas do mal.

Sintomas em animais

Nos dois livros do corpus, são os animais infectados os que sofrem as formas mais gráficas e intensas de violência. Embora em *Distância de resgate* a história da disseminação do mal comece com um cavalo, um “animal maldito” (p.9), ao longo do livro a maioria dos infectados são humanos. No animal que perece, porém, vemos a mais severa e repentina forma de ataque da condição desconhecida que circula na história.

Carla narra que “o cavalo acordou deitado. (...). Suas pálpebras estavam tão inchadas que ela não podia ver seus olhos. Seus lábios, suas narinas, sua boca inteira estavam tão inchados que parecia outro animal, uma monstruosidade” (p.10). É interessante notar que este não é o corpo de um qualquer animal, é um dos "cavalos de corrida" (p.9), mas mesmo o seu corpo forte e economicamente valioso não é capaz de evitar a infecção.

Essa questão do corpo animal forte, de alto valor econômico, mas ainda penetrável ao mal também é chave em *De gados e homens*. Por se tratar de um matadouro, os corpos das vacas são tratados como mercadoria de morte. A todo o tempo, o gado é morto e repartido por homens que recebem um salário irrisório para matar centenas de animais por dia — o

protagonista revela que não pode nem mesmo comprar uma caixa de hambúrgueres com o salário que recebe ao matar cerca de 200 vacas por dia.

Apesar da forma cotidiana com que o abate é tratado, as vacas do livro não são animais fracos. Há uma seleção dos animais mais fortes. A empresa possui um protocolo de retirada de animais potencialmente doentes dos conjuntos para se manter apenas com os mais fortes. A seleção das vacas mais adequadas, entretanto, não consegue defendê-los de ter os animais infectados pelo mal.

As vacas eram “quietas” (p.20) até que surjam os primeiros sinais do mal. Entre os animais, ele já começa violentamente: “Jaz um bezerro abortado coberto de vermes, parcialmente comido, e envolto numa película escura e seca da placenta” (Maia, 2015, p.36). A vida é eliminada justamente em seu símbolo de perpetuação: a gestação. Somam-se ao aborto espontâneo das vacas: a perda do senso de direção (p.38), a agressividade (p.41) e o primeiro suicídio de um dos bois. “Ele bate a cabeça em uma das paredes com tanta força que o corpo se levanta do chão, para depois cair sem emitir nenhum som mais” (p.43).

Curioso notar que a contaminação pelo mal ocorre, assim como em *Distância de Resgate*, após um salto da cerca que mantinha o animal condicionado. A todo tempo em ambos livros a liberdade de se sentar no campo ou de se correr pela natureza é confundida com uma exposição ao risco. Quando os animais parecem mais fortes e confiantes é o momento em que acabam infectados.

A confusão entre a liberdade exercida e o assédio do mal entre os animais inspiram Florencia Colombetti e Augustina Giuggia a afirmar que *De gados e homens* “fornece às vacas a capacidade de resistir decidindo sobre suas vidas e mortes, algo que historicamente era estranho a elas” (p.48). A leitura da contaminação, porém, lhes escapa: o que compromete a ideia de que a trama é sobre um agenciamento político dos animais é o fato de que o impulso não é dado por uma vontade própria ou mesmo se o é, é punido logo em seguida com a perda total do controle. A menos que a doença, a possessão que causa o contágio seja tomada como possibilidade de resistência, não há liberdade nos gestos que observamos na obra.

Voltando aos sintomas nas vacas, é interessante notar que os primeiros sinais deles não são tomados como uma doença preocupante. No contexto agroindustrial brasileiro, cenário da trama, a ideia de uma “vaca louca” não seria surpreendente. A doença popularmente conhecida por esse nome causou uma crise financeira em meados da década de 1990 e campanhas de vacinação são realizadas anualmente no país para evitá-la. Os primeiros sintomas dessa doença estão associados com os que as vacas manifestam no livro: alterações

sensoriais, inquietação, reação exagerada e registros do animal "ferindo-se" (2012), como apontam Konold *et al* em seu estudo sobre a encefalopatia espongiforme bovina.

Sintomas em humanos

A loucura torna-se um eixo central em *De gados e homens* e atinge também os humanos. Quem trabalha no matadouro vive um estado de esgotamento mental que os deixa doentes. O estresse a que são submetidos pode ser confundido, pelo menos nos casos de Milo e Santiago, com a contaminação que os torna mais impetuosos. A primeira frase do romance, por exemplo, associa a raiva de Milo ao gado, pois "ele aprendeu a berrar há muito tempo, quando, ainda criança, correndo solto pelos campos, brigava com o bezerro pelo teta de vaca" (Maia, 2015, p.6). Também é dito que ele "sempre anda com as veias inchadas e os dentes cerrados" (p.23), como uma raiva selvagem.

Santiago, em sua alucinação, também se aproxima do inumano. O atordoador está diretamente relacionado ao suposto predador que perturba as vacas. Bronco Gil atira em seu ombro com uma flecha acreditando que ele era a *coisa*. "Edgar tira da cabeça do menino uns montes de galhos amarrados com elásticos e tira a pele de onça que ele havia colocado" (Maia, 2015, p.55). A facilidade com que os outros aceitam a loucura de Santiago é surpreendente. O "chá de cogumelo" (p.55) que imaginam que ele bebeu justifica tudo. É "meio maluco, mas é trabalhador" (p.57), é útil e, devido à sua força de trabalho, portanto admitem continuar a viver com ele.

Em *Distancia de resgate*, o principal sinal do mal invisível é dado nas consequências deixadas em sua passagem pelos poucos humanos que sobreviveram a ele com uma troca de personalidade, efeito colateral do tratamento a que David e Nina são expostos por evitar a morte. Os pesadelos e preocupações de Amanda e a mania de Nina de dizer "a gente ama" (p. 18, 32, 34) no plural, sugerindo uma voz dialogizada com seus próprios parasitas, são pistas de que os transtornos mentais são parte dos sintomas do mal entre os contaminados humanos.

É interessante notar que fisicamente poucas sequelas permanecem em David de sua contaminação. Amanda, ao vê-lo, diz: "Se não fosse pelas manchas brancas em sua pele, você seria um menino normal" (p.22) e "Você se parece com a Carla e acho que sem as manchas você seria um menino realmente fofo" (p.24). As mudanças fundamentais que fazem de David um "monstro" (p.15) depois de sua contaminação são perceptíveis apenas em sua postura e comportamento. A primeira coisa que Carla repara ao rever o filho depois do tratamento com a Mulher da Casa Verde, por exemplo, é que os passos da criança tornaram-se "curtos e inseguros, tão diferentes dos do meu David" (p.15). Carla o considera um falso filho desde

então. O mesmo vale para a filha de Amanda. Externamente, o físico da menina não mudou, mas mudanças mais suaves de comportamento são notadas: “Qual é o cheiro das mãos da minha filha?” (p.53), se pergunta a narradora.

Em contraste com a preservação exterior de David e Nina, *Distância de resgate* está repleto de casos de crianças que enfrentam o envenenamento pelo mal a partir de uma fraqueza física. Aqueles que não receberam o procedimento de migração ficaram com sequelas corporais graves: são os "meninos com deformidades" e Abigail, "a menina com a cabeça gigante" (p.50). Quando Amanda percebe o grande número de crianças com estas má-formações, ela pergunta: “Existem meninos saudáveis, também, neste vilarejo?” (p.50), ao que David responde: "aqui há poucos meninos que nasceram bem" (p.50).

As deformações são consequência comum de envenenamento no livro — há cachorros com uma perna a menos (p.21), Carla temia que David perdesse um dedo ao nascer (p.8, 9, 19), entre outros. Abigail, no entanto, é o exemplo máximo das consequências corporais de intoxicação: “manca tanto que parece um macaco, mas depois vejo que tem uma das pernas muito curtas, (...) uma testa enorme que ocupa mais da metade da cabeça” (p.19). Ao avançar na leitura, chama atenção a mudança de percepção de Amanda ao vê-la: “assim como um momento atrás, eu estava me perguntando como eu poderia pegar naquela garota, agora eu me pergunto como é possível deixá-la ir” (p.20). Desgosto e recriminação se misturam nela, reações comuns à monstruosidade humana no terror, como aponta King.

Para o autor de *Dança macabra*, é importante entender a importância dos *freaks* em narrativas aterradoras, tal qual são as crianças de Schwelbin. “Quão gordo alguém pode ser? O que há antes que ele ultrapasse o limite e entre em uma perversão da forma humana grave o suficiente para ser chamado de monstruosidade?” (p.28), ele nos pergunta. A monstruosidade de Abigail atrai e oprime a mãe de Nina porque a sociedade tem um corpo comum, um modelo desejável, e aqueles que estão muito distantes dele, como os intoxicados do livro, impressionam, fazem torcer as fronteiras do que se considera humano. Ao estudar a máscara, King revela que tudo que se aproxima demais do humano sem totalmente sê-lo é assustador, o que se pode relacionar com este sentimento.

O livro de Maia também tem sua própria aberração, Bronco Gil, embora suas distorções não estejam diretamente relacionados ao contágio — a menos que o consideremos que a espécie de maldição que circula em *De gados e homens* tenha sido trazida para a região da narrativa não pela concentração de matadouros, mas pela chegada de Gil. Ele é um indígena que perdeu um testículo em um ritual e anos depois sofreu um acidente em uma rodovia que o deixou com muitas cicatrizes. "Até o encontraram tempo para ajudar, mas o

olho esquerdo estava sem sorte: um abutre o comeu enquanto ele assistia a tudo com a vista do olho direito”(p.26). Este homem, claramente relacionado com o mito de Prometeu, será um dos ícones do sobrenatural na novela.

Tratamento e prevenções sobrenaturais

Como já estabelecemos brevemente, o mal é incontrolável em ambos os livros, portanto as estratégias de defesa e tratamento apresentadas são ineficazes e no máximo retardam a contaminação. Antes de chegar a elas, que serão a conclusão deste estudo, porém, é interessante notar que os dois romances também se conectam na existência de um coadjuvante místico que é, de alguma forma, um epicentro médico da narrativa e um contraponto ao invisível.

Em um livro com personagens exclusivamente homens, Bronco Gil será um ícone da atuação masculina: é forte, tem pontaria perfeita, é silencioso e inacessível. No ambiente maternal de *Distância de Resgate*, a Mulher da Casa Verde, que carrega o arquétipo feminino como nome, será a mãe, cuidadora e acessível. Em graus variados, tanto Bronco quanto a Mulher falham em proteger os outros personagens do mal. No caso do personagem criado por Maia, o tratamento é desastroso por tentar agir em outra causa, buscando caçar a *coisa*, não o *algo*, mas em Schweblin pelo menos há uma redução de danos.

Em *De gados e homens*, Bronco Gil é quem primeiro sente a chegada do mal. Ele tem uma sensibilidade para o sobrenatural: “Parece uma maldição. Nestas águas entrou um espírito muito mau” (Maia, 2015, p.66), a que se segue um “mau presságio” (p.68), quando uma imagem de São Roque é destruída. Bronco Gil acredita que é preciso caçar o mal, mas não é capaz de ver ou de acreditar na própria impotência.

Quando ele atira em Santiago com a sua flecha, confundindo-o com a *coisa* causadora do mal, mas é ele quem fará o tratamento para curar o jovem, recorrendo uma vez mais à sua imagem mística de cuidador: “Ele cobre a ferida com um unguento de ervas e tabaco que ele próprio se encarregou de preparar” (p.56). Como ele se concentra em caçar o mal, porém, ao perceber que o que lhes aparece não é material, culminando no suicídio em massa das vacas diante de seus olhos, ele decide se retirar assustado de sua impotência. “Bronco Gil tenta evitá-lo, mas Edgar Wilson e Helmuth o impedem, já decidiram apenas assistir. aquele espetáculo de horror” (p.76).

Se Bronco Gil percebe tarde demais que está enfrentando *algo* invisível, A Mulher da Casa Verde percebe imediatamente sua impotência em *Distância de resgate* e passa a buscar agir nas fronteiras com o pouco que consegue deter. “Ela sabia que Davi estava contaminado

pelo invisível só de olhar para ele” (p.14). A Mulher “pode ver a energia das pessoas, pode ler” (p.12) e usando esse poder ela opera uma migração ocultista que impede a intoxicação corporal da criança. “Se movermos o espírito de David para outro corpo no tempo, então parte da intoxicação também iria com ele. Dividido em dois corpos haverá chances de superá-la. Não é uma coisa certa, mas às vezes funciona” (p.12), reconhece a própria limitação.

O processo de migração, porém, nunca é de todo conhecido no livro, nem da forma que é feito, tampouco de suas consequências. As partes para onde foram os espíritos divididos das crianças que passam pela iniciativa são as teorias mais discutidas sobre a trama. “O quarto estava escuro e do lado de fora eu mal conseguia adivinhar o que ela estava fazendo” (p.15). Sabe-se que o procedimento envolve água, terra, um leque e um sisal — uma evidente sugestão aos quatro elementos clássicos da mitologia ocidental.

O pouco que é conhecido do procedimento é que ele mantém o corpo aprisionado enquanto uma parte da alma e uma parte do mal são liberadas, mas não se define a forma ou o limite deste impacto. Diante da atmosfera maligna que não se pode ver, que é necessário adivinhar, portanto, até a luta contra ela pertence ao mistério. Embora a migração tenha sido traumática para Carla, que desde então lida com o falso David, ela não hesita em recomendar o tratamento como uma solução quando Nina fica intoxicada. “Você tem que entender isso Nina não vai aguentar muito mais horas” (p.53), diz ela.

A medicina tradicional é descartada como alternativa. “Tive algumas horas, talvez minutos, para encontrar uma solução além de esperar meia hora por um médico rural que nem chegaria a tempo” (p.10), diz Carla. No entanto, durante todo o tempo e especialmente na parte final da trama há um reconhecimento de que o processo que se está experimentando é muito semelhante ao de uma doença, até pela busca do tratamento.

Mas o filho da enfermeira, os meninos que vêm para esta sala de aula, eles estão contaminados? Como uma mãe pode não perceber?

Nem todos sofreram a intoxicação com o tempo. Alguns já nasceram envenenados, por algo que suas mães respiravam no ar, algo que comiam ou tocavam (SCHWEBLIN, 2014, p48).

A contaminação é tão inerente à vida no contexto dos livros que nos surpreendemos ao ver tantos personagens adultos passarem pelas tramas sem serem atacados ou assediados por ela. Ambas tramas, sutilmente, sugerem que eles já tenham penetrado tão profundamente no *algo* que agora fazem parte dele. Se tomarmos isso como verdade, pode haver outro ponto de conexão entre o livro de Schweblin e *De gados e homens*: apenas alguns poucos como Carla e

Edgar Wilson podem sobreviver em um mundo que trabalha para eliminá-los com violência, envenenamento, doenças e trabalhos precários.

Como conclusão desta breve leitura, penso que investigar a obra de Maia a partir de paralelos com a de Schweblin e tendo a ideia de contágio como um ator importante tanto em *De gados e homens* como em *Distância de resgate* nos permite enxergar além da violência ou do discurso filosófico, dos debates sobre o binarismo do humano e do terror de ultrapassar essas fronteiras. Isso pode contribuir para a leitura crítica, especialmente no caso da obra de Maia, em que doença e loucura muitas vezes são contaminantes, para estabelecer pontes do terror com o discurso epidemiológico, uma conexão que todos os que viveram uma pandemia sabem bem localizar.

REFERÊNCIAS

COLOMBETTI, Florencia e GIUGGIA, Augustina. “¿Quién es la bestia?”. Actas X Encuentro Interdisciplinario de Ciencias Sociales y Humanas: tomo 2, 1ª ed, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Filosofía y Humanidades. 2020.

GIORGI, Gabriel. “La vida impropia. Historias de mataderos.” Boletín del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria, vol. 16, 1-22. 2011.

KING, Stephen. *Danza macabra*. 2ª ed, Madrid, Valdemar editorial. 2020.

KONOLD, Timm *et al.* “Experimental H-type and L-type bovine spongiform encephalopathy in cattle”. BMC Veterinary Research, vol. 8. 2012.

MAIA, Ana Paula. *De ganados y de hombres*. 1ª ed., Buenos Aires, Eterna Cadencia. 2015.

SCHWEBLIN, Samanta. *Distancia de rescate*. Lectulandia, editor digital rayorajo. 2014.